

## Redescobrimo os brasileirismos *Rediscovering “brazilianisms”*

Bruna Elisa da Costa Moreira\*  
*Universidade de Brasília, Brasília, Brasil*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo revisitar a categoria “brasilismo”. Essa categoria é analisada sob dois pontos de vista, o da tradição, que aborda os brasileirismos na linha histórica como expressão que diverge da expressão portuguesa, e o da prática lexicográfica, que, com base no primeiro, tipifica certos vocábulos. O trabalho é elaborado a partir de revisão bibliográfica que remonta aos primeiros registros de brasileirismos na literatura, bem como da análise pontual de obras lexicográficas modernas. Um aspecto comum a todas as concepções de brasileiro discutidas ao longo deste artigo é o aspecto que particulariza o português brasileiro (PB) em relação ao português europeu (PE), embora haja divergência quanto à questão das origens etimológicas dessas formações. Em vez de considerar esse fato problemático, este artigo conclui que a profusão de origens (e.g., ameríndia, africana, portuguesa) é uma das características fundamentais dos brasileirismos. Adicionalmente, este artigo resgata as contribuições de Mário de Andrade ao tema, a partir de sua visão particular de brasileirismos, com base em sua *Gramatiquinha*. A noção de brasileiro é, então, estendida, de modo a abarcar, além de vocábulos, diversas outras construções e estratégias linguísticas, de diferentes origens, que, não obstante, seriam típicas do PB. Finalmente, a contribuição deste trabalho reside no convite a buscar uma história para o conceito de brasileiro, a redescobri-lo e a pensar sobre quais estruturas e tendências do PB contemporâneo poderiam ser investigadas no âmbito dessa categoria.

**Palavras-chave:** Brasileirismos. Português brasileiro. Lexicografia. História da língua portuguesa.

---

\* Pesquisadora de Pós-Doutorado (Bolsista PNPd/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), Instituto de Letras (IL), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil; brunamoreira@aluno.unb.br.

**Abstract:** The main objective of this paper is to revisit the category known as “brazilianism”. This category is analyzed from a traditional and historical perspective, which regards “brazilianisms” as particular expressions or words, coined in Brazil, that diverge from Portuguese expressions. This category is also analyzed from a lexicographical perspective, which, based on a traditional view, labels certain lexical items as “brazilianisms”. This paper is based on literature review dating back to the first records of these formations, as well as on the investigation of modern dictionaries. A common core of all definitions of “brazilianisms” discussed throughout this paper is that this category distinguishes Brazilian Portuguese (BP) from European Portuguese (EP), although there is disagreement with respect to the etymological origins of these formations. This paper does not acknowledge this as a problematic fact, and further concludes that the profusion of etymological sources (e.g., Amerindian, African, and Portuguese) is one of the fundamental characteristics of “brazilianisms”. Additionally, this paper revisits Mario de Andrade’s contributions to the topic, based on his particular view of “brazilianisms”, from his project titled *Gramatiquinha*. The label “brazilianism” is then extended to encompass not only words, but also various constructions and strategies which, nonetheless, would be typical of BP. Finally, the main contribution of this paper lies in the attempt to trace back the history of the concept of “brazilianism”, to rediscover it, and to think about which structures and contemporary trends in BP could be investigated under this category.

**Keywords:** Brazilianisms. Brazilian Portuguese. Lexicography. History of Portuguese.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central revisitar a categoria “brasileirismo”<sup>1</sup>. Essa categoria é analisada sob dois pontos de vista, o da tradição, que aborda o brasileiro na linha histórica como expressão que diverge da expressão portuguesa, e o da prática lexicográfica, que, com base no primeiro, tipifica certos vocábulos. Observa-se que as primeiras considerações sobre os brasileiroismos foram motivadas pela necessidade de registro de vocábulos que, no contexto da colonização portuguesa,

---

<sup>1</sup> A pesquisa reportada neste trabalho é parcialmente baseada em Costa (2008).

constituíam uma distinção da variedade brasileira em face do português europeu (PE). Este artigo adota a definição de Ribeiro (1897 apud Pinto, 1978, p. 333), segundo a qual brasileirismo “é a expressão que damos a toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil”.

Os brasileirismos são discutidos na literatura que trata do português brasileiro (PB) desde 1824, com o Visconde da Pedra Branca, e o termo também é adotado no âmbito da Lexicografia. Assim, ao lado das várias marcas de uso registradas nos dicionários de língua comum (e.g., *Gír.* para gíria, *Desus.* para desuso, *Pop.* para popular, entre outras), está a marca *Bras.*, indicativa de brasileirismo. Um dos focos de discussão na literatura é a questão das fontes etimológicas difusas dessas formações, atestada em trabalhos prévios sobre o tema (Rodrigues, 1958-1959; Faulstich, 2004, entre outros). Antes de considerar esse fato problemático, este artigo conclui que a profusão de origens (e.g., ameríndia, africana, portuguesa) é uma das características fundamentais dos brasileirismos. Este artigo também resgata as contribuições de Mário de Andrade, em seu projeto intitulado *Gramatiquinha*, publicado por Pinto (1990). Nessa obra, o autor oferece uma visão particular sobre a natureza dos brasileirismos. A partir do trabalho de Andrade, este artigo busca apartar a discussão dos brasileirismos da questão da autonomia do PB em relação ao PE no âmbito da colonização portuguesa, que permeia boa parte dos trabalhos sobre essas formações. A noção de brasileirismo é, então, estendida, de modo a abarcar, além de vocábulos, diversas outras construções e estratégias linguísticas, que, não obstante, seriam típicas do português brasileiro. Com isso, é possível apreciar certos fenômenos e tendências do PB contemporâneo que estariam incluídos nos estudos de brasileirismos.

Este artigo está organizado em 5 seções. Seguindo esta breve introdução, a seção 2 aborda os brasileirismos em dicionários modernos, como o Novo Dicionário Aurélio e o Dicionário Houaiss. Essa seção apresenta as definições de brasileirismo presentes nessas obras, bem como alguns exemplos. A seção 3 faz uma breve incursão histórica, com o objetivo de discutir aspectos políticos, históricos e sociais relevantes que estariam envolvidos na caracterização dos brasileirismos. A seção 4 detém-se na questão das fontes etimológicas, a partir de trabalhos prévios que buscaram inventariar os brasileirismos. A seção 5 resgata as contribuições

de Mário de Andrade, no âmbito de seu projeto intitulado *Gramatiquinha*. O autor conclui categoricamente que “não tem ‘brasileirismos’” (Pinto, 1990, p. 185), embora sucumba posteriormente a essa categoria, e discuta uma série de construções e “dicções” brasileiras. Essa seção busca, assim, estender a noção de brasileirismo, de modo a considerar diversas estruturas e estratégias linguísticas que seriam típicas do PB. Finalmente, a seção 6 conclui este artigo.

## 2 OS BRASILEIRISMOS NOS DICIONÁRIOS

Dicionários modernos de língua portuguesa classificam inúmeros vocábulos como brasileirismos. O Novo Dicionário Aurélio, por exemplo, apresenta em sua seção de “Abreviaturas e Siglas”, *Bras.* = Brasileirismo, embora não elucide precisamente os critérios dessa classificação no prefácio da obra (e.g., em termos de origem etimológica, critérios de formação etc.). Nesse dicionário, o verbete *brasileirismo* introduz cinco acepções, apresentadas a seguir em (1)

### (1) Acepções de brasileirismo (Novo Dicionário Aurélio)

- i. “palavra ou locução própria de brasileiro”;
- ii. “modismo próprio da linguagem dos brasileiros”;
- iii. “idiotismo do português do Brasil”;
- iv. “caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil”; e
- v. “sentimento de amor ao Brasil; brasilidade”.

Essas acepções, pertinentes de maneira direta à língua (cf. i, ii, iii) ou não (cf. iv e v), assinalam um caráter particular, um traço próprio e característico do que seria brasileiro. Alguns exemplos extraídos dessa obra seguem em (2):

(2) Exemplos de brasileirismos (Novo Dicionário Aurélio)<sup>2</sup>

- a. **afinar** (*Futebol*) Não disputar a bola com o adversário por medo de contusão; jogar de salto alto.
- b. **assentar** (*Religião*) Fixar ritualmente as características e a energia sagrada de (um orixá ou entidade afim) num objeto ou ser ou na cabeça da inicianda.
- c. **descalar** (*Marinha*) Tirar (o leme da embarcação do lugar).
- d. **matar** (*Futebol*) Amortecer a bola.

Igualmente, o Dicionário Houaiss registra, em sua “Lista geral de reduções”, a marca *B. (reg)*, indicativa de “dialetismo brasileiro”. Nesse dicionário, o verbete *brasileirismo*, com a rubrica linguística, traz as seguintes acepções:

## (3) Acepções de brasileirismo (Dicionário Houaiss)

- i. “em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, morfológico, sintático, lexical, estilístico) próprio do português do Brasil”; e
- ii. “sob o ponto de vista lexical, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa do português do Brasil”.

Sem a indicação da rubrica, a obra define brasileirismo simplesmente como “brasilidade”. Alguns exemplos extraídos do Dicionário Houaiss são apresentados a seguir em (4):

---

<sup>2</sup> Todos os exemplos apresentados em (2) têm origem latina.

(4) Brasileirismos (Dicionário Houaiss)<sup>3</sup>

- a. **tesoura** Ave passeriforme da família dos tiranídeos.
- b. **tucupi** Espécie de molho feito com água de goma e pimenta, que acompanha vários pratos da cozinha do Norte do Brasil.
- c. **ximango** Ave da família dos falconídeos.
- d. **xeré** Cabaça de pescoço longo e cheia de sementes, usada como chocalho no culto do orixá Xangô.

Em nota sobre os brasileirismos<sup>4</sup>, Ribeiro (1920, p. 43) observa que inúmeros autores, no século XIX, “quando já se presentiam os alvares da independência”, registravam o léxico que representava “as vozes brasileiras”. Nesse contexto, que destacava as diferenças entre o PB e o PE:

[a] categoria de brasileirismos se sobressai como um lugar de especificidade linguística brasileira: na lexicografia, são publicados dicionários de brasileirismos. Cândido de Figueiredo, por exemplo, inclui em seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, expressões consideradas brasileirismos. Para ele, são brasileirismos os termos que vêm do Tupi, e termos que outrora foram utilizados em Portugal e que os brasileiros “reabilitaram” (Oliveira, 2002, p. 83).

Krieger (2012) observa que somente a partir do século XX o Brasil passa a ter uma produção lexicográfica própria, de caráter mais regular e sistemático. Antes desse período, de acordo com a autora, as obras lexicográficas de origem brasileira e portuguesa se confundiam, de modo que “o reconhecimento formal do léxico criado e falado no Brasil é relativamente recente na história da nossa lexicografia” (Krieger, 2012, p. 392).

<sup>3</sup> O exemplo (4a) é de origem latina; (4b), de origem tupi; (4c), de origem controversa; e (4d) provém do iorubá.

<sup>4</sup> Publicada, também, em *A Língua Nacional* (1921) e outros estudos linguísticos sob o título “Antiguidade dos Brasileirismos”.

### 3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

No que diz respeito à formação do português brasileiro, as discussões já formuladas na literatura revelam os aspectos históricos e políticos que a sua caracterização envolve. As diferentes definições de português brasileiro e de brasileirismos mostram que, muitas vezes, os conceitos propostos aproximam-se mais da noção de identidade nacional do que da elaboração de uma entidade linguística propriamente dita.

Mattoso Camara Jr. (1975, p. 71), que caracteriza o português brasileiro como “uma língua transplantada da Europa para a América”, dá destaque ao processo de colonização portuguesa. Segundo o autor:

[a] língua está de tal modo ligada à sociedade e à cultura, que a diferenciação cultural e social entre a população européia e a congênera americana, desde a época em que uma representava a metrópole e a outra a colônia, determinou uma dicotomia linguística [...]. Talvez o quadro mais exato da dialectologia portuguesa ampla, compreendendo um e outro lado do Atlântico, seja a de dois grandes dialetos, o lusitano e o brasileiro, que por sua vez se diferenciam numa multiplicidade de subdialetos (Camara Jr., 1975, p. 81).

Sobre a formação do PB e a sua relação com o PE, Celso Cunha (1981, p. 19) destaca que:

[o] Português do Brasil é uma modalidade regional, ou melhor, continental de uma língua conhecida, o português, modalidade não estática, ao contrário, a seguir sua deriva, a fazer-se ininterruptamente na boca dos que a utilizam como sua forma normal de comunicação e expressão.

Silva Neto (1986 [1957], p. 521) propõe que a natureza e a estrutura do PB estão estabelecidas em três bases. A primeira seria a base demográfica, “composta pelos colonizadores portugueses, indígenas e as

populações africanas, além dos emigrantes, especialmente italianos, alemães e japoneses (a partir do século XIX)”; a segunda, a base social, “que depende do contato e interação das forças demográficas supracitadas; da organização da sociedade, com a existência, ou não de escolas, academias, jornais, publicações”; e a terceira, a base literária, “que é o português literário trazido ao Brasil e divulgado, desde o início, pelos jesuítas e demais interessados na instrução colonial”.

A partir desse tripé, fica clara a noção de integração suposta entre os elementos humanos da colonização brasileira e os elementos linguísticos. Segundo Silva Neto (1986 [1957], p. 522), “essas são as bases humanas que deram suporte às bases linguísticas do português do Brasil”. Esse viés da formação do PB é relevante para se compreender como os brasileirismos estão situados nesse cenário como expressões peculiares do PB que divergem do PE.

Destaca-se que o primeiro registro dos brasileirismos de que se tem notícia é datado de 1824. Segundo Ribeiro (1920, p. 44), o Visconde da Pedra Branca é o responsável pelo “primeiro documento de natureza theorica sobre a questão dos brasileirismos”<sup>5</sup>. De maneira geral, esse autor entende os brasileirismos na perspectiva das diferenças entre o PB e o PE. Ao considerar a língua como “[...] o espelho das nacionalidades” (Alkmim, 2012, p. 21), o Visconde da Pedra Branca assinala diversos aspectos distintivos do PB, entre eles: (i) o emprego de certos sufixos, como o que forma as nominalizações em *-ada* (“pedrada”, “facada”); (ii) o uso de expressões que indicam intensidade (superlativos e diminutivos); (iii) o aspecto fonético do PB, com destaque para a “doçura e suavidade” da sua pronúncia, em comparação à suposta aspereza do PE; e, ainda, (iv) o aspecto lexical, que será abordado logo a seguir. O exemplo (5) apresenta uma amostra de vocábulos que, segundo o autor, atestam uma mudança de significado na variedade brasileira em relação à europeia (Visconde da Pedra Branca, 1824 apud Ribeiro, 1920, p. 45)<sup>6</sup>:

<sup>5</sup> Para um panorama das contribuições do Visconde da Pedra Branca à historiografia do PB, ver o trabalho de Alkmim (2012).

<sup>6</sup> Por uma questão de rigor, o fragmento original do Visconde da Pedra Branca (1824 apud Ribeiro, 1920, p. 45) é reproduzido a seguir:

#### NOMS QUI ONT CHANGÉ DE SIGNIFICATION

Mots	Signification en Portugal	Signification au Brésil
Faceira.....	Grosse Mâchoire	Coquette
Arrumamento.....	Action d'arranger	Parade
Chacota.....	Chanson grivoise	Moquerie



(5) Brasileirismos (Visconde da Pedra Branca)

<b>Palavra</b>	<b>PE</b>	<b>PB</b>
Faceira	Grande mandíbula	Coquete
Arrumamento	Ação de organizar	Desfile
Chacota	Canção popular	Zombaria

Além desses exemplos, o Visconde da Pedra Branca (1824) registra, ainda, palavras que estariam em uso no Brasil, mas que seriam incomuns em Portugal, entre elas “pábulo” (alimento, sustento), “quindim” (doce) “yaiá” (tratamento feminino, de “senhora” > “sinhá”)<sup>7</sup>.

No que diz respeito aos dados atestados pelo Visconde da Pedra Branca, Ribeiro (1920, p. 48) chama à atenção o fato de que o autor não estabeleceu distinções entre as origens tupis, africanas ou europeias das palavras, o que, segundo ele, foi responsável por gerar a “aparente confusão do seu excerto de vocabulos”. No que se segue, este artigo se ocupa da questão das origens etimológicas dos brasileirismo, bem como a razão por que esta tem tido um papel importante nos trabalhos que tratam do tema.

#### 4 SOBRE AS FONTES ETIMOLÓGICAS DOS BRASILEIRISMOS

Destaca-se que os brasileirismos têm origem no que Silva Neto chamou de “bases demográficas” do PB (i.e., a língua portuguesa, as línguas indígenas e as línguas africanas), que estariam associadas à “base social”

<sup>7</sup> No fragmento original do Visconde da Pedra Branca (1824 apud Ribeiro, 1920, p. 45) lê-se:

NOMS EN USAGE AU BRÉSIL ET INCONNUS EN PORTUGAL	
Mots	Signification
Pabulo.....	Fat, suffisant
Quindins.....	Minanderies, petits soins
Yaiá.....	Demoiselle

supracitada. Assim, ao se considerar que a questão dos brasileirismos está inserida em uma questão maior, a da consolidação do PB, é possível discutir a natureza das bases linguísticas para a definição de brasileirismo. Essa questão é elaborada de forma concreta como a questão de quais seriam as fontes etimológicas dos brasileirismos<sup>8</sup>. Silva Neto (1986 [1957]) associa a discussão dos brasileirismos à questão da linguagem regional brasileira, com destaque ao emprego familiar de algumas expressões do português arcaico. Para o autor, os brasileirismos são concebidos como regionalismos brasileiros: “[m]uitos ‘brasileirismos’ há até com raízes latinas! Vezes há, é certo, que a palavra já não pertence à língua comum de além-mar, nem mesmo está documentada nos textos; mas deve ter existido no passado, ou viçar, ainda nalgum canto” (Silva Neto, 1986 [1957], p. 180) Ao contrário de Ribeiro, citado na introdução deste artigo, que fala em “toda a casta de divergências” entre PB e PE, Silva Neto dá destaque particular aos brasileirismos no nível do léxico.

A respeito das origens etimológicas dos brasileirismos, Rodrigues (1958-1959, p. 1) observa que “[a] maioria das palavras próprias do português falado no Brasil, estranhas ao português europeu ou que neste penetraram provindo daquele, é constituída por vocábulos de origem ameríndia e africana”. O autor destaca que os estudos de etimologia dos brasileirismos provenientes das línguas indígenas sofrem com a “falta de método etimológico” (i.e., métodos científicos seguros que determinem a origem das palavras) e com o “desconhecimento das línguas tidas como fontes dos brasileirismos, isto é, das línguas indígenas e ameríndias” (Rodrigues, 1958-1959, p. 2). Nesse sentido, a maior contribuição do trabalho de Rodrigues, que inventaria diversos brasileirismos, é o rigor com que o autor documenta esses vocábulos. Ressalta-se que o autor considera em seu inventário de brasileirismos apenas as palavras advindas do tupinambá<sup>9</sup>. Os critérios adotados pelo autor são os seguintes (Rodrigues, 1958-1959, p. 3):

---

<sup>8</sup> Fora do âmbito da prática lexicográfica, essa questão abrange também o que se pode classificar como brasileirismo (i.e., vocábulos; construções; o emprego sistemático de certos sufixos, como o diminutivo etc.). Essa questão é retomada adiante.

<sup>9</sup> Segundo Rodrigues (1958-1959, p. 3), “[p]or tupinambá é designado o tupi antigo ou antiga língua geral, que assim se pode definir no espaço e no tempo: a língua falada na costa do Brasil pelos vários grupos de índios tupinambás que, nos séculos XVI e XVII, se estendiam desde a altura de São Vicente, ao sul, até o Maranhão, ao norte [...]”

- i. O brasileirismo deve ser atestado com a mesma forma e o mesmo sentido da língua indígena, por exemplo, o brasileirismo *paca* (“grande roedor”), do tupinambá *paka*; ou com a forma e/ou o sentido “ligeiramente diferenciados”, por exemplo, o brasileirismo *tapiranga* (“ave da família dos emberizídeos”), do tupinambá *tí'yepí'raŋa*.
- ii. O brasileirismo deve ser proveniente de um composto que se explica por padrões de composição da língua indígena e tem sentido condizente com o do brasileirismo, por exemplo, o brasileirismo *jaguapeba* (“cão doméstico de pernas curtas”), do tupinambá *ya'war* (“cão”) + *peb* (“chato”) + *-a* (sufixo nominalizador).

Em (6), seguem alguns exemplos de brasileirismos apresentados pelo autor:

(6) Brasileirismos (Rodrigues, 1958-1959)

- a. **acarapeba, carapeba** ‘peixe’
- b. **arará** ‘fêmea alada do cupim’
- c. **cururu** ‘sapo’
- d. **guará** ‘ave’
- e. **jabuti** ‘cágado’
- f. **jaçanã** ‘ave’
- g. **jaguar** ‘onça’
- h. **muquirana** ‘piolho’
- i. **piaba** ‘peixe’
- j. **poti** ‘peixinho’
- k. **sagüi** ‘macaco’
- l. **sucuri** ‘cobra’

É seguro dizer que são poucos os autores que abordam de forma explícita a questão das origens dos brasileirismos, no que diz respeito à delimitação clara de critérios de classificação. Previamente, mostrou-se que os dicionários de língua comum registram como brasileirismos não apenas vocábulos provenientes das línguas indígenas brasileiras — cf. (1) e (2)<sup>10</sup>.

Houaiss (1985), em obra intitulada “O Português *no* Brasil”, destaca “o estatuto indígena, o estatuto negro e o estatuto branco” na formação do PB. O autor busca determinar se haveria, de fato, uma língua brasileira proveniente da língua portuguesa. Para responder a essa questão, Houaiss recorre aos conceitos de unidade e diversidade, discutidos no excerto seguinte:

[n]a prática, podemos dizer que nossa língua aqui considerada é a *vernácula* — a que se aprende em casa a partir do nascimento — para a grande maioria [...]. Essa unidade do nosso vernáculo comum é, porém, convivente com duas diversidades: a diversidade de línguas e a diversidade de dialetos (Houaiss, 1985, p. 11).

A respeito da diversidade, Houaiss (1985, p. 12) argumenta que “[o] nosso vernáculo comum é uma unidade que, pela diversidade da língua, se contrapõe às mais de 120 línguas indígenas subsistentes entre nós, bem como às línguas — em geral européias, mas também asiáticas das minorias migratórias”<sup>11</sup>. Além desse universo de diversidade de línguas, o autor considera também a convivência com “rica diversidade de unidades menores, todas — no uso brasileiro — entre si intercomunicantes”, em referência às diferenças regionais do PB.

<sup>10</sup> A esse respeito, vale destacar que este artigo corrobora essa escolha lexicográfica de registrar as múltiplas origens etimológicas dos brasileirismos.

<sup>11</sup> Rodrigues, em uma série de artigos datados de 1982, 1984 e 1984, publicados posteriormente como livro, fala na existência de, pelo menos, 170 línguas indígenas no Brasil. Segundo o autor, “[é] provável que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, [...] o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje” (Rodrigues, 2002, p. 19).

Faulstich (2004, p. 1) observa que “estudar brasileirismos na Língua do Brasil é penetrar em um universo de ambigüidades conceituais em que se misturam pontos de vista bastante diferenciados, no que diz respeito à formação de tais expressões”. A autora, depois de arrolar uma série de definições de brasileirismos presentes na literatura, discute a falta de precisão no estabelecimento de suas origens:

as definições correntes de brasileirismo relacionam essas unidades lexicais a fontes etimológicas difusas — indígenas, linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil, vocábulos ou locuções da língua portuguesa falada pelos brasileiros, palavras portuguesas que adquiriram novo ou novos significados no Brasil, palavras de uso exclusivamente regional, brasileirismos de origem ameríndia, termos e expressões que habitualmente só empregamos no linguajar descuidado (Faulstich, 2004, p. 4).

A partir dessa observação, em uma classificação distinta (Faulstich e Strehler, 1998; Faulstich, 2004), brasileirismos são redefinidos como:

palavras, locuções e outras estruturas sintagmáticas criadas e formadas no Brasil, com base em formantes já existentes no vernáculo, abandonando-se o ponto de vista de que adstratos e substratos são brasileirismos porque fazem parte do uso brasileiro do português (Faulstich, 2004, p. 8).

De acordo com essa formulação, seriam considerados brasileirismos apenas as expressões linguísticas provenientes do latim, como, por exemplo, os dados em (1). Faulstich (2004, p. 8) observa, contudo, que não se trata apenas de uma questão etimológica, mas, sim da “etimologia combinada com a criação, a formação e a significação da palavra em causa”.

Sobre a classificação de brasileirismo nos dicionários, Biderman (2002, p. 80), destaca:

[d]e um modo geral, Aurélio classificou como brasileirismos os signos que nomeiam os referentes da fauna e da flora do Brasil. Frequentemente trata-se de indigenismos [...]. A proeminência dada por Aurélio aos brasileirismos em seu dicionário pode ser atribuída à problemática que povoou os debates sobre a identidade do PB desde a segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX e ao ideal lingüístico e lexicográfico de sua geração.

Em uma direção diferente, Timbane (2013, p. 22), com base no Dicionário Houaiss, apresenta uma amostra de brasileirismos provenientes da língua inglesa, como *drinque* (de *drink*), goleiro (de *goal-keeper*), escanear (de *scan*), gol (de *goal*) e gangue (de *gang*).

Este trabalho, em vez de reafirmar a preocupação em se definir a origem etimológica dos brasileirismos — de forma geral e em repertórios lexicográficos —, observa que não há nada mais tipicamente brasileiro do que esse caráter difuso. Assim, a questão das fontes etimológicas variadas nada mais seria do que uma propriedade fundamental, característica e definidora de brasileirismo. Fica claro que a questão da etimologia não é central, mas, sim, a questão do uso de uma expressão (i.e., se determinada expressão é usada no Brasil, e não em Portugal). Logo, como este artigo pretende deixar claro, o critério etimológico é irrelevante<sup>12</sup>. Com base nessa visão, e retomando a definição adotada neste trabalho, brasileirismos corresponderiam a “toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil”, independentemente de sua origem. Assim, é possível considerar não só as línguas em contato no período colonial, mas, também, de uma perspectiva sincrônica, as línguas que exercem influência no PB.

---

<sup>12</sup> Agradeço a um parecerista anônimo, que aponta que a discussão sobre a etimologia dos brasileirismos parece ser um falso problema, visto que o conceito adotado é o das divergências entre a língua portuguesa europeia e a brasileira.

## 5 A “GRAMATIQUINHA” DE MÁRIO DE ANDRADE

Pinto (1990) apresenta os manuscritos originais de Mário de Andrade, destinados a compor a sua *Gramatiquinha*. A obra, iniciada pelo autor em 1922, foi finalmente realizada entre 1927-1929, segundo Pinto (1990, p. 33), “trabalhada em moldes aproximadamente gramaticais”<sup>13</sup>. A *Gramatiquinha* foi idealizada como parte de um projeto mais amplo de Andrade, “de redescoberta e redefinição do Brasil”, como descrito pela autora (Pinto, 1990, p. 43). Assim, a obra em questão insere-se em um contexto político, histórico e cultural particular, notadamente marcado pelas inquietações do Modernismo. Pinto (1990, p. 184-185) observa que, para Andrade, “a autonomia da variedade brasileira não estava na dependência da riqueza ou da especificidade do vocabulário em uso, como pretendiam outros. Mais ainda: os brasileirismos, como bandeira, lhe eram insuportáveis; e, como fato, não existiam”. Essa afirmação é corroborada pela seguinte passagem de Andrade, trazida pela autora:

[u]ma constatação importante é esta a que cheguei: Não tem ‘brasilismos’. Desde que um fulano fale uma palavra ou esse modismo se generalize, ele faz parte da língua. Assim os chamados brasileirismos por simples bobagem de comodismo gramatical não são brasileirismos nem nada, são palavras, sintaxes novas incorporadas à fala portuguesa e portanto, fazendo parte dela legitimamente. Pertencem à língua portuguesa (Pinto, 1990, p. 185).

Essa asserção deve ser entendida no âmbito de um projeto maior, que pretendia romper com certos padrões estéticos, políticos e culturais. Pinto (1990, p. 52) destaca a posição “antipurista” adotada pelo autor, no

<sup>13</sup> De acordo com o prefácio da obra, o trabalho “baseia-se essencialmente nos originais de Mário de Andrade, expressamente destinados a composição da *Gramatiquinha*. [...] O material constitui-se, em sua maioria, de anotações fortuitas, descontínuas, e nem sempre pertinentes à natureza da obra, apesar de sua destinação expressa. O material não apresenta, pois, unidade, quer internam quer externa.” Ao citar diretamente a obra neste artigo, faz-se menção exclusiva ao ano de sua publicação (1990). O texto que introduz os fragmentos em questão identifica se se trata de reprodução do texto de Andrade ou do texto de Edith Pimentel Pinto, organizadora da obra.

que diz respeito à visão de que empréstimos não deturpariam a língua. A autora nota, adicionalmente, que Andrade acaba por sucumbir ao referido “comodismo” que o termo *brasileirismo* representaria. Assim, apesar da declaração supracitada, o autor adota o termo “*brasileirismo*” para tratar de particularidades do PB em relação ao PE, como mostrado adiante nos exemplos de (7)-(12). Para Andrade, “[u]m dos erros básicos de certas manifestações didáticas deste *brasileirismo* está em que os dicionaristas criaram dicionários de *brasileirismos* e não dicionário português-brasileiro” (Pinto, 1990, p. 330).

O autor, segundo Pinto (1990, p. 186), emprega o termo “*brasileirismos da região*” para designar “palavras da língua portuguesa, embora de circulação tópica preferencial, as quais cumpria assimilar, por uma ‘apropriação subconsciente’, capaz de conferir legitimidade ao uso em nível nacional”. Nesse sentido, o autor assumia uma postura antipurista, como observado por Pinto (1990, p. 186), a partir da seguinte declaração do autor: “[t]odas as palavras de todas as línguas do mundo pertencem à fala brasileira [...]. Por exemplo, *melting-pot*, *hall* (ou *hol* *abrasileiradamente*) *futebol* etc. pertencem prá fala brasileira tanto como *mão*, *parafuso* e *jaçanã*.”

No que se segue, são introduzidos alguns dados registrados por Andrade, que representariam propriedades distintivas do PB. Em (7), seguem exemplos de algumas “diferenças orais de pronúncia” entre PB e PE (Pinto, 1990, p. 343-345):

(7)

- a. abóbora = abobra
- b. cruzamento = cruza<sup>14</sup>
- c. porco = poico
- d. príncipe = princ’pe
- a. advogado = adevogado
- f. absolutamente = abisolutamente
- g. flor = fulô
- h. meio-dia = meidia

<sup>14</sup> Scher (2011) provê uma descrição preliminar de outras formas truncadas no PB contemporâneo, a exemplo de (7b), como *delega* (de “delegado”).



Com respeito à colocação pronominal, Andrade registra certas construções sob o rótulo de “brasileirismo”, como mostrado a seguir em (8) (Pinto, 1990, p. 386):

(8)

- a. Me lembrava
- b. Me interrogaste
- c. Me parece
- d. Te vejo, te procuro

Outros dados registrados como *brasileirismo* por Andrade, como “guardados”, “parada” e “conhecido”, têm seu emprego ilustrado em (9) (Pinto, 1990, p. 391):

(9)

- a. Guardados = substantivo usado só plural  
Eu estava mexendo nos meus guardados...
- b. Parada = quietude  
Este menino não tem parada não.
- c. Como vai, *conhecido*?  
Ontem encontrei um conhecido

Há ainda os *brasileirismos* relativos à regência de verbos pela preposição “de”, atestados por Andrade (Pinto, 1990, p. 392):

(10)

- a. “Voce inventou de fazer isso agora agüente”<sup>15</sup>
- b. “Prometeu de ir porém não contava com a doença”
- c. “Você deve de fazer isso”

<sup>15</sup> Em (10), os exemplos são reproduzidos fielmente do original, no qual ‘você’ aparece com e sem acento.

Em (11), seguem exemplos de Andrade com estruturas relativas (Pinto, 1990, p. 393):

(11)

- a. O homem *que* gosto<sup>16</sup>
- b. “Aquele romance *que* (por “de que”) dei notícia

Além de alguns dados do autor que dizem respeito à negação no PB (Pinto, 1990, p. 396-397)<sup>17</sup>:

(12)

- a. Tu nada viste não
- b. Não o fizera não
- c. Ai não me deixes não
- d. Não vou não
- e. — Viu o artigo de hoje  
— Vi não

Os exemplos (7)-(12) permitem estender a noção de brasileirismo de modo a abarcar, além de vocábulos como os ilustrados em (2), (4)-(6), diversas outras tendências, construções e estratégias linguísticas, que, não obstante, seriam típicas do português brasileiro. Com isso, abre-se a possibilidade de redescobrir os brasileirismos, a partir de estruturas empregadas no PB contemporâneo. Os brasileirismos, portanto, poderiam ser investigados não só de uma perspectiva histórica (i.e., como expressão surgida no Brasil no contexto da colonização portuguesa), ou da prática lexicográfica. Essas formações poderiam ser investigadas, do ponto de vista

<sup>16</sup> Em (11), os exemplos são reproduzidos fielmente do original, com a presença ou a ausência das aspas.

<sup>17</sup> A respeito dessa questão, Ferreira Junior (2015) discute diferentes estratégias de posicionamento dos marcadores negativos no PB.

sincrônico, como “toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil”.

## 6 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo central revisitar a categoria “brasileirismo” sob dois pontos de vista, o da tradição, que aborda o brasileiro na linha histórica como expressão que surge no Brasil, e o da prática lexicográfica, que, com base no primeiro, tipifica certos vocábulos. Um aspecto comum a todas as concepções de brasileiro discutidas ao longo deste artigo é o aspecto que particulariza o PB em relação ao PE, embora haja divergência quanto à questão das origens etimológicas dessas formações. Este trabalho, em vez reafirmar a preocupação com essa questão, defendeu que não há nada mais tipicamente brasileiro do que esse caráter difuso<sup>18</sup>. Adicionalmente, este trabalho resgatou as contribuições de Mário de Andrade ao tema, a partir de sua visão particular de brasileiros, corroborada por uma série de dados discutidos pelo autor. A noção de brasileiro é, então, estendida, de modo a abarcar, além de vocábulos, diversas outras construções e estratégias linguísticas, de diferentes origens, que, não obstante, seriam típicas do português brasileiro. Finalmente, a contribuição deste trabalho reside no convite a traçar uma história para o conceito de brasileiro, a redescobri-lo, e a pensar sobre quais estruturas e tendências do PB contemporâneo poderiam ser investigadas no âmbito da categoria “brasileirismo”.

## REFERÊNCIAS

Alkmim T. Um texto inaugural: o Visconde da Pedra Branca e o português do Brasil. *Stockholm Review of Latin American Studies*, 2012;8:21-33.

Biderman MTC. A formação e a consolidação da norma lexical e a lexicográfica no Português do Brasil. In: Nunes JH, Petter M, organizadores. *História do saber lexical e*

---

<sup>18</sup> Nesse sentido, conforme observa um parecerista anônimo, as conclusões deste artigo estão em consonância com o conceito de brasileiro apresentado por Houaiss (2009) (cf. exemplos (3) e (4)).

constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes; 2002. p. 62-82.

Camara Jr. M. Dispersos de J. Mattoso Camara Jr. Coleção Estante da Língua Portuguesa. 2.a ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas; 1975.

Coelho O. Léxico, Ideologia e a Historiografia Linguística do Século das Identidades. Revista Letras, 2003; edição especial;(61):153-166.

Costa BEC. Brasileirismos terminológicos: estado de verbos em ação e processo. [Dissertação]. Brasília: Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília; 2008.

Cunha C. Língua, nação, alienação. Coleção Logos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1981.

Faulstich E, Strehler RG. A propósito de brasileirismos; 1998. Manuscrito inédito.

Faulstich E. Duas questões em discussão; o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos. Jornada sobre “Variación Geolectal i Terminología”, Barcelona: Red Panlatina de Terminologia Realiter/IULAterm/Institut Universitari de Linguística Aplicada; 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/1PAw6s6>>. Acesso em 26/03/2016.

Ferreira ABH et al. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Século XXI. 8.a ed. Paraná: Editora Positivo; 2010.

Ferreira Jr. MN. Ciclo dos marcadores negativos no PB. Caderno de Squibs: temas em estudos formais da linguagem, 2015;1(1):17-24.

Houaiss A. O Português no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: Unibrade Centro de Cultura; 1985.

Houaiss A et al. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Versão Monusuário 3.0. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; 2009.

Krieger MDG. O léxico do português do Brasil em dicionários. In: Lobo T et al., organizadores. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA; 2012. p. 391-399.

Oliveira SE. Um espaço de enunciação para dizer os brasileirismos. In: Nunes JH, Petter M, organizadores. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes; 2002. p. 83-98.

Oliveira AMPP. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. [Tese]. Araraquara: Universidade Estadual Paulista; 1999.

Pinto EP. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, v. 1: 1820/1920: fontes para a teoria e a história / seleção e apresentação de Edith Pimentel Pinto*. São Paulo: EDUSP; 1978.

Pinto EP. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades; 1990.

Ribeiro EC. *Estudos gramaticais e filológicos — ligeiras observações: origem e filiação da língua portuguesa, da crase em português, elementos de gramática portuguesa, gramática portuguesa filosófica. Obras completas. v. 3*. Salvador: Editora Aguiar & Souza LTDA; 1957.

Ribeiro J. Brasileirismos. *Revista de Língua Portuguesa: Archivo de Estudos relativos ao idioma e literatura nacionais*, Rio de Janeiro; 1920, n. 7, Anno II, p. 43.

Ribeiro J. *Brasileirismos: a língua nacional e outros estudos linguísticos*. Petrópolis: Editora Vozes; 1979.

Rodrigues AD. Contribuições para a etimologia dos brasileirismos. *Revista Portuguesa de Filologia*; 1958-1959, Coimbra, v. IX, tomos I e II, p. 1-54.

Rodrigues AD. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4a. ed. São Paulo: Edições Loyola; 2002.

Scher AP. Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: descrição preliminar. *ReVEL*, 2011 edição especial;(5):61-79.

Silva Neto SD. Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil. Coleção Linguagem 1. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Presença; 1986.

Timbane AA. A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos. Caligrama, Belo Horizonte, 2013;18(2):7-30.

---

Recebido em: 30/03/2016

Aceito em: 31/10/2016

---